

Experiência local de um projeto global de doutrinação ideológica na escola

Ana Caroline Campagnolo Bellei¹

Fui aluna na rede privada e na rede pública, em nível básico e na graduação. Sou professora, hoje, tanto na escola particular quanto na pública. mesmo com tão pouca idade tenho acumulado algumas experiências negativas que hoje fazem sentido. Estas experiências estiveram sempre relacionadas ao sistema de ensino e o fato de tê-las vivido eu mesma, e não apenas ouvido falar, me transformaram em uma militante da causa Escola Sem Partido. Durante meus anos de discência e docência pude viver momentos de doutrinação e perseguição ideológica, e quero compartilhar estes momentos com os professores e gestores de escola como alerta de uma experiência local que sinaliza um projeto maior: um projeto global de reforma psicológica e doutrinação ideológica na educação. Este processo que está em andamento há meio século em todo o mundo, também não é novidade em nosso país. É possível estimar que pelo menos nas últimas três décadas os nossos estudantes têm sido alvo de manipulação psicológica e pedagógica

Meu interesse pelo magistério e pela História começou a despertar por causa de uma professora que tive por volta dos anos 2000 no ensino fundamental enquanto estudava na Escola Adventista de Chapecó. Depois desta inesquecível exceção nunca mais tornei a ter aula de História com algum professor não fosse "marxista ou derivados". Durante os 4 anos de faculdade todos, absolutamente todos os professores que tive se definiam de esquerda. No evento de formatura a professora paraninfa escolhida pela turma abria seu discurso dizendo: "Não existem destinos pessoais, mas estruturas de classe (...) Perguntas de um trabalhador que lê..."

Durante o período que estudei na Universidade Pública Estadual do nosso estado, cursando Mestrado em História, verifiquei novamente que todos os professores do curso – e agora os colegas também – eram de esquerda.

Minha primeira orientadora no programa, por exemplo, pediu desligamento da orientação porque tínhamos "incompatibilidade do ponto de vista teórico e metodológico". **(SLIDE)** Mesmo adotando uma postura silenciosa e resignada em sala de aula fui acusada de incompetente, desonesta, fascista, opressora e genocida entre outros, durante as aulas, por colegas e professor. Em época de eleição os professores trabalhavam com broches do partido dos trabalhadores e adesivos da candidata Dilma Rouseff, mesmo quando lecionando, ou seja, em horário de trabalho. No diretório acadêmico o que encontramos ao adentrar a sala são essas imagens que vocês veem nos slides **(SLIDE)**.

Muitos de vocês estarão pensando que isso nada mais é do que liberdade de expressão e que qualquer crítica a este processo é uma tentativa de repressão. Esta é uma falsa impressão. Seria liberdade se estes jovens, se os jovens universitários do Brasil, estivessem fazendo escolhas, se eles tivessem escolha. Mas o que nós percebemos nos cursos de humanas é a apresentação de uma via única. A realidade é que a mais variada mescla de jovens ingressam nestes cursos, alunos das mais diversas personalidades, religiões e posições políticas. Porém, todos eles saem com a cabeça pontualmente igual. Anti-capitalistas, esquerdistas, revolucionários, feministas, céticos e pró-aborto. E a grande maioria deles sai da universidade para a sala de aula para simplesmente reproduzir a subversão de

¹ Mestranda em História (UDESC) e professora de História. anacampagnolo@outlook.com

que foram vítimas.

A doutrinação política, partidária e ideológica consiste em induzir os alunos a uma forma de pensamento que combine com os interesses de determinado partido ou posição ideológica. Para o sociólogo (UFG) e jornalista José Maria e Silva esses métodos consistem no seguinte: **(SLIDE)** “utilizar o ensino para veicular propaganda partidária; ensinar com base em uma doutrina como se fosse a única possível; ensinar como científico aquilo que não é; falsificar fatos favoráveis à sua doutrina; e propagar o ódio por meio do ensino.” É possível encontrar doutrinação tanto para as visões políticas de esquerda como para as de direita, no entanto, o cenário atual deixa claro que a esquerda está atuando majoritariamente através da doutrinação marxista. Não são apenas impressões, há dados que não deixam dúvidas. A origem desse fenômeno de doutrinação está na universidade: **(SLIDE)** “O mundo é majoritariamente capitalista, mas para dentro dos portões da universidade impera o socialismo. O Banco Digital de Teses e Dissertações do CNPq contabiliza 697 trabalhos acadêmicos que citam Karl Marx, o ícone da doutrina socialista, contra apenas 27 que se referem a Adam Smith, o pai da doutrina liberal, dos quais ao menos quatro são críticas marxistas ao autor de A riqueza das nações. Contabilizando os demais autores de esquerda, a cifra chega aos milhares. Só Foucault aparece 1.640 vezes; Bourdieu, 860 vezes; e Paulo Freire, 764 vezes. Já no Banco de Teses da Capes, órgão que coordena a pós-graduação no país, há 110 teses sobre Marx defendidas na área de educação. A hegemonia da esquerda no pensamento acadêmico tem graves consequências, começando pela completa politização do ensino.”

Os professores se sentem ofendidos, os alunos se sentem ofendidos. E esse sentimento os faz rejeitar qualquer ajuda para sair deste ciclo vicioso. Ninguém quer admitir que passou ano atrás de ano sendo conivente com o processo que fez dele mesmo uma vítima. E nisto mesmo a nossa luta para combater esse processo é complexa, porque os nossos vilões de hoje foram as vítimas de ontem.

Comecei a lecionar em 2010. Na escola pública verifiquei três problemas graves: indisciplina, incompetência de nível dos alunos e abandono da família. Em julho de 2013 fui convidada pelo diretor da escola em que trabalhava a representar a escola na equipe de professores que estava repensando a Proposta Curricular de Santa Catarina (PC) e percebi que nenhum desses problemas teve geração espontânea. Esta proposta, conforme informa o site do governo, “visa **nortear a prática pedagógica dos educadores** na perspectiva da construção de uma escola pública de qualidade para todos.” Nesta reunião a dirigente apresentava através de slides os fundamentos de tal proposta enquanto explicava com detalhes a aplicação de cada um destes fundamentos: **(SLIDE)**

Fundamentação da PC de SC:

Materialismo Histórico e Dialético:

- Histórica: em que contexto surgiu;
- Político: qual sua escolha política;
- Filosófico: a partir de que compreensão de mundo foi feita;
- Pedagógicos: como compreende o processo de aprendizagem.

Fundamentação Histórica:

Ascensão das forças de centro-esquerda – 1986

Retorno das forças de direita – 1990

Fundamentos políticos:

O pensamento de Gramsci como uma síntese do marxismo.

Fundamentos filosóficos:

Marx e Engels.

- Os homens produzem sua vida e sua história a partir da materialidade de cada tempo;
- Uma visão em oposição à que compreende a história dos homens é determinada a priori por uma idéia pré-existente;
- A produção da vida e da história feita pelo trabalho;
- A humanidade e a história são resultados do trabalho;
- A materialidade de cada tempos é resultado do trabalho acumulado no tempo pretérito.

Neste dia os responsáveis pela reunião, os diretores e os professores presentes demonstraram e admitiram estar deliberadamente construindo uma escola pública esquerdista. Mencionaram que era impossível uma escola sem partido e por isso preferiam tomar partido à esquerda, grande fomentadora dos movimentos sociais. Quando eu os indaguei sobre as **famílias** e o possível desacordo dos pais com tal indução de seus filhos, a responsável – ali nomeada representante da secretaria de educação – disse claramente que a família não tinha nada a ver com a educação e nem deveria meter-se nesses assuntos.

Negativamente impressionada com a situação em que se encontrava a escola catarinense, comentei este episódio em um vídeo na internet que acabou configurando-se em uma denúncia que chegou a assembléia legislativa pelas mãos do Dep Kennedy Nunes (PSD) no dia 11 de março de 2013.

Tentando desqualificar o meu relato, chamando-me de ignorante e covarde, a deputada petista Luciane Carminatti pediu a palavra na ALESC para afirmar o seguinte: **(SLIDE)**

- Que não há problema nenhum em basear todo o sistema de ensino em grandes pensadores como Gramsci, que a PC(SC) tem um viés marxista, sim;
- Que os presentes estavam certíssimos em reprimir a presença e participação da família na educação, posto que ela mesma, sendo mãe, jamais foi a escola pública onde estuda a filha para saber ou questionar algo;
- Que uma educação de qualidade deve ser baseada no saber popular e não no saber científico;
- Que os professores que estavam debatendo tal proposta estão perdidos e confusos, sim;
- Que qualquer um que tente questionar tais medidas de reforma na escola só pode ter ares de conservadorismo e retrocesso.

Alguns dias depois o secretário da educação de SC dirigiu-se a GERED de Chapecó para averiguar a veracidade do meu relato e confirmou com as seguintes palavras: "*Nós identificamos o problema que acabou levando a esta denúncia, já fizemos um trabalho, inclusive, no âmbito local, para que alguns excessos que foram cometidos [...] possam ser eventualmente corrigidos.*" (Eduardo Deschamps)

Ou seja, para os mais inescrupulosos já chegou a hora de admitir esse projeto abjeto de aparelhamento do sistema educacional. E para aqueles que ainda precisam manter aparência de neutralidade só resta admitir que algum "excessos foram cometidos." E eu estou relatando esta experiência para demonstrar em que pé está o avanço deste projeto de engenharia social que pretende se legitimar como reforma educacional.

Quando usamos o termo "doutrinação" -- termo já consagrado para tratar de um dos

mais graves problemas da escola -- devemos estar conscientes que utilizamos uma expressão já ultrapassada. Há tempos os alunos são doutrinados na escola, mas hoje, o que se transmite na maioria dos casos não é mais uma doutrina. Porque uma doutrina quando explícita pode ser formalmente discutida e até, combatida diretamente. Quando o professor de história, filosofia ou sociologia decide expor sistematicamente algumas correntes de pensamento, por exemplo. O professor apresentará o liberalismo e em seguida o marxismo. Esses correntes se apresentam nitidamente como OPÇÕES para o aluno. Ele ainda está livre para escolher, para julgar.

Mas o que temos visto é uma nova fase. Uma fase de subversão e indução. O comportamento das crianças e a sua forma de pensar até mesmo sobre os assuntos mais superficiais estão sendo induzidos. Tudo isso sem passar pelo crivo da inteligência ou filtro das idéias. Esse processo acontece com a introdução de símbolos, frases feitas, chavões e atitudes diárias. Ou seja, não se trata mais de um professor explicar a corrente marxista em uma determinada aula. Trata-se dele partir do marxismo, aplicando esta "forma de ver o mundo" em todas as aulas por ele ministradas. Tudo isso com sutileza. Se bem que estamos chegando a um nível em que a sutileza tornou-se dispensável.

Porém, esse processo que para o entendimento de uma criança é indiscernível, para qualquer adulto minimamente esclarecido é perfeitamente detectável. Mas para que esta denúncia não fique ancorada apenas no testemunho de uma jovem professora de 24 anos, como eu, sugiro que todos aqueles que estiverem minimamente interessados em educação leiam importantíssima obra de Pascal Bernardin, intitulada **(SLIDE)"MAQUIAVEL PEDAGOGO: ou o ministério da reforma psicológica"**. Essa obra descreve esse processo de manipulação pedagógica que nós temos chamado de doutrinação.

Nela o autor reúne documentos da ONU, UNESCO e outras organizações que tem promovido e incentivado esse processo e apresenta também exemplos da sua já aplicação e efetivação em países da Europa. O autor lista documentos da UNESCO, publicados em 1964 sob o título "A modificação das atitudes", que afirmam:

"A Unesco [...] já há tempos considera a importância que tem o estudo da modificação das atitudes para as atividades educativas. [...] Para tanto, faz-se necessário apelar ao auxílio de políticos, de líderes comunitários, de emissoras de rádio, da imprensa local e de outros 'formadores de opinião', a fim de provocar mudanças na comunidade inteira. Os teóricos modernos da educação compreenderam que a transmissão de informações, por si só, não é suficiente para que se atinjam os objetivos da educação, mas que a totalidade da personalidade e a situação de grupo inerente ao processo de aprendizagem possuem uma importância capital."

Para as organizações que estão promovendo esse processo que chamamos de doutrinação, os grupos escolares e os colegas são considerados como efeitos positivos sobre os alunos. Ou seja, os alunos são ao mesmo tempo as armas e as vítimas desse processo de engenharia social. **E as famílias são consideradas negativas**, exatamente como pude perceber naquele encontro sobre a Proposta Curricular que narrei no início. As famílias são a única resistência a esse processo perigoso, e por isso querem diminuir cada vez mais o poder e tempo de influência dos pais na vida das crianças. Bernardin percebeu esta estratégia e por isso afirma: **(SLIDE)** "os direitos da criança, os quais, nada acrescentando aos direitos

humanos e ao direito civil e penal, não têm, e não poderiam ter, outra finalidade senão um ataque à família" (BERNARDIN, 2012, p.62)

Essa citação genérica é particularmente verificada no nosso país através do Estatuto da Criança e do Adolescente. O Estado utiliza a legislação para desautorizar cada vez mais os professores e os pais. O aluno/filho é um "reizinho" por onde passa. Para o já mencionado soliciólogo José Maria, as escolas estão ficando sem limites, bem como a indisciplina dos alunos. Ele aborda esse tema na sua dissertação de mestrado defendida em 2003 sob o título "Escola sem limites: violência, indisciplina e autoridade docente".

Os alunos estão sendo brutalmente manipulados, e os professores, maltratados. Quem deseja manter o povo na ignorância não são só políticos — são os mestres e doutores universitários. "Eles criaram na pós-graduação das universidades uma ciência esotérica e inútil, mas paradoxalmente militante, cujo principal propósito não é o ensino, mas a manipulação. E as primeiras vítimas dessa educação malsã são os professores da escola básica — tratados com evidente menosprezo nas dissertações e teses da academia." (SILVA, 2012)

Silva (2012) denuncia: (SLIDE) "Paradoxalmente, essa universidade que se protege atrás de uma hierárquica barreira de títulos é a mesma universidade que despe o professor da escola básica de qualquer autoridade institucional e o obriga a se apresentar como um igual — ou até mesmo um inferior — diante de seus alunos. Hoje, nas escolas públicas, a inversão de valores é tanta que já não é o professor quem avalia o aluno, mas o aluno quem avalia o professor. É o que se constata no "Manual de Orientação para a Avaliação de Estágio Probatório dos Docentes da Secretaria Estadual de Educação", um documento de 57 páginas, elaborado por 19 gestores com formação acadêmica e publicado em 2008. [...] Nessa escola idealizada pelas correntes pedagógicas hegemônicas não há espaço para a responsabilidade. O aluno é um "sujeito de direitos", isento de qualquer dever. Logo, todo e qualquer fracasso desse reizinho indisciplinado é jogado sobre os ombros do professor. É o que se vê, por exemplo, na Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, do Conselho Nacional de Educação, que define as "Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica".

Não bastasse o problema do afastamento cada vez maior dos alunos de suas famílias e o fato de estarem sendo vexatoriamente manipulados enquanto se auto-enganam numa sensação de liberdade que nunca existiu, esses alunos ainda estão ficando cada vez mais "burros" e "incompetentes".

(SLIDE) "Ademais, o nível escolar continuará decaindo, o que aliás não surpreende, já que o papel da escola foi redefinido e que sua missão principal não consiste mais na **formação intelectual**, e sim na formação social das crianças; já que não se pretende fornecer a elas ferramentas para a autonomia intelectual, mas antes se lhe deseja impor, sub-repticiamente, valores, atitudes e comportamentos por meio de técnicas de manipulação psicológica. Com toda nitidez, vai-se desenhando uma ditadura pedagógica." (BERNARDIN, p.12)

Diante de tantos absurdos é preciso posicionar-se e trabalhar num possível processo de reversão desta reforma psicológica. Nesta batalha surgem propostas como a ONG Escola Sem Partido, organizada e dirigida pelo advogado Miguel Nagib. Para o advogado a organização está cumprindo seu papel satisfatoriamente há uma década. Ele afirma: "Ao longo de dez anos nós acumulamos uma grande quantidade de provas que demonstram, de

forma irrefutável, que a prática da doutrinação se espalhou por todo o sistema educacional. Não existe hoje uma única instituição de ensino, pública ou particular, que possa dizer que esteja imune à praga da doutrinação. Essas provas acumuladas pelo ESP são plenamente consistentes com os resultados da única pesquisa já feita sobre o assunto no Brasil -- que foi uma pesquisa realizada 2008 pelo Instituto Sensus. E são consistentes, sobretudo, com a experiência direta, pessoal, de todos os que passaram pelo sistema de ensino nos últimos 30 anos. Portanto, dez anos depois da sua criação, nós acreditamos que o ESP contribuiu de forma decisiva para dar maior visibilidade ao problema da doutrinação nas escolas e para ampliar a compreensão dos limites éticos e jurídicos da liberdade de ensinar, já que a doutrinação se define, juridicamente, como sendo o abuso da liberdade de ensinar do professor em prejuízo da liberdade de aprender do estudante.”

Referências

ARAÚJO, Rodrigo Nabuco de. **A influência francesa dentro do Exército brasileiro (1930-1964): declínio ou permanência?** Revista Esboços. Vol. 15, nº 20, 2008.

_____. **Guerra revolucionária: afinidades eletivas entre oficiais brasileiros e a ideologia francesa (1957 – 1972).** IN: D’Araújo, Maria Celina; Soares, Samuel Alves; Mathias, Suzeley Kalil (orgs.). Defesa, Segurança Internacional e Forças Armadas (I Encontro da ABED). Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 189-204.

BERNARDIN, Pascal. **Maquiavel Pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica.** 1ª edição. Ecclesia e Vide Editorial. Campinas, SP: 2012.

MARTINS FILHO, João Roberto. **A educação dos golpistas: cultura militar, influência francesa e golpe de 1964.** IN: Congresso The cultures of dictatorship. University of Maryland. EUA - outubro de 2004

_____. **A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23, nº 67 junho/2008.

_____. **Tortura e ideologia: os militares brasileiros e a doutrina de guerre revolutionnaire (1959-1974).** In: Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil. SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida. (orgs). São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009.

SILVA, José Maria e. **Escola não pode ter partido.**

Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/conteudo.phtml?id=1485225&tit=Escola-nao-pode-ter-partido->

_____. **School without limits: violence, indiscipline and teaching authority.** 2003. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

_____. **A destruição da escola pública pela universidade.** Jornal Opção, 2011. Disponível em: <http://textospra.blogspot.com.br/2011/08/destruicao-da-escola-publica-pela.html>

_____. **O Coronelismo acadêmico.** Jornal Opção. 2012. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/o-coronelismo-academico>